

# CONGRESSO ACADEMICO

PUBLICAÇÃO MENSAL

REDACTORES:

Newton Burlamaqui (Redactor-Chefe)—Rodrigo Costa (Redactor-Secretario)

Augusto Aristheu (Redactor-Gerente) Laudelino Baptista

CAPITAL

TRIMESTRE..... 2\$000

Recife, 15 de Dezembro de 1897

FORA DA CAPITAL

TRIMESTRE.... 2\$500

## AVISO

O Congresso Academico está registrado perante o Official publico de hypotheca segundo determina a lei federal n. 173 de 10 de Setembro de 1893 e assignou termo de responsabilidade, nas pessoas de dous de seus redactores, no Contencioso Municipal, segundo prescreve a lei estadual n. 140 de 28 de Junho de 1895.

D'estas leis decorre que o Congresso Academico é uma pessoa juridica e que sómente nós podemos usar *ex jure* do titulo Congresso Academico.

## EXPEDIENTE

REDACÇÃO—RUA PAULINO CAMARA N. 28, 2.º ANDAR.

SUMMARIO: — *Duas palavras* — *Origem da «Plebs» segundo Fustel de Coulanges*, Samuel MacDowell, filho.—*Diario de uma menina*, A. F. B.—*Carta aberta*, Augusto Aristheu—*A prova dos methodos*, Bento Bandeira—*Festa Academica*, Rodrigo Costa—*Marmores antigos*, Soriano de Albuquerque—*Anceio*, Augusto Meira—*A capacidade intellectual da mulher*, L. Baptista—*A Amazona*, Augusto Aristheu—*Archivo*.

## CONGRESSO ACADEMICO

### DUAS PALAVRAS

Conta hoje na ampulheta do tempo dois annos de ininterrupta existencia o nosso modesto «Congresso Academico», dois annos cheios de lutas, dois annos de sacrificios indescriptiveis, inenarraveis! Custa crel-o.

Grande estravagancia seria neste glorioso fim de seculo em que temos a fortuna de existir, cuja caracterista

predominante é a falsificação de tudo—viver a nossa folha sem soffrer os insultos da molestia da moda. Como o genuino vinho do Porto, como as actas eleitoraes, elle teve os seus falsificadores...

Surge então o 5.º n. do «Congresso Apocriphe», alguma cousa parecido na forma com o nosso, mas completamente, profundamente differente na essencia.

Como o tartufismo que proctrou supplantar o Christianismo, a burlesca imitação não teve echo na opinião, não agradou ao publico, e soffrendo a chacota da imprensa seria, e dos leitores, recolheu-se humilhado a impericia de que foi infeliz aborto.

O benevolo leitor de extra-muros não poderá, por certo, avaliar o *quantum* das difficuldades que arrostamos nessa peregrina campanha: mais forte que o pampero da America Meridional sopraram contra nós as desorientadas paixões dos nossos intranzigentes adversarios e as vezes, mais sopitadas que mortas, ellas quedavam-se para mais tarde soerguerem-se n'um delirio de perseguição e inveja.

Tudo fizeram de balde!

Sobranceiro, erecto, magestoso, desluzava o nosso barquinho incolume dessa tempestade de intrigas. Um só momento se quér a agulha da bussola desnordeou do seu pólo magnetico, e de vellas enfunadas chega hoje aos humbraes do seu terceiro anno de existencia, tendo como tripolantes um punhado de marinheiros ouzados, capitaneados por Fausto Botelho, Newton Burlamaqui e Rodrigo Costa que nos momentos os mais difficeis souberam-se mostrar verdadeiros homens do mar.

Agora que começam as ferias academicas, de accordo com as disposições estatutarias, suspendemos a publica-

ção de nossa folha até 15 de Abril proximo, quando reapareceremos, de forças restauradas, para manter illezo o posto de sacrificio que aceitamos. E' de erer que ao despontar da nova aurora se dissipe completamente o odio que traçou o itinerario aos naufragos salvados nos destorços da nossa complacencia. Conscios de melhores dias, para nós e para elles, rendemos graças ao Creador.

### Origem da «Plebs» segundo Fustel de Coulanges

(Conclusão)

Outras provas pudemos adduzir sobre a distincção que extremava o patriciado, a clientela e a plebe, mas deixemos de parte esta questão que não é presentemente o nosso ponto de mira e entremos logo a expôr a opinião de Fustel de Coulanges sobre a origem do ultimo d'aquelles elementos da primitiva população romana.

A dualidade d'esta população e a distincção em patricios e plebeus já estão claramente estabelecidas nas tradições oriundas da epocha dos primeiros reis. D'essas tradições se verifica que Romulo fundára uma cidade e um asylo, tendo uma e outro sua feição toda propria, sem se poderem confundir, além de tudo, porque eram separadamente localizados.

Segundo formal testemunho de Tito Livio (I, 7) a cidade occupava o Palatino apenas e effectivamente os contornos d'este monte lhe assignalavam o recinto sagrado, *pomerium*. Tambem a cerimonia religiosa da lustração, annual e uniformemente reproduzida, que devia percorrer o recinto da antiga cidade, limitava-se a fazer o gyro do Palatino.

Em Tacito (Annaes, XII, 24) se pôde vêr perfeitamente determinado o perimetro da cidade de Romulo. O insigne historiador poude verificá-lo ainda em seu tempo, porquanto as pedras sagradas que demarcavam de espaço a espaço o recinto primitivo nunca haviam sido arrancadas e, então, a proceissão lustral ainda obedecia ao an-

tigo percurso. Assim merece elle todo o credito quando observa que o Capitolio não estava comprehendido no *pomerium* que só abrangia o Palatino.

Esta ultima collina é um planalto de fórma quasi quadrada, pelo que por muito tempo a cidade romuleia foi chamada *Roma Quadrata*.

O asylo ficava n'outro lugar, a respeito do qual os Romanos não podiam ter duvida. Elle ainda existia, cercado de veneração e tal qual originariamente fóra, no tempo de Tito Livio e de Tacito. O facto de prohibir a religião qualquer alteração explica concludentemente esta immutabilidade.

O Capitolino era um pequeno monte ou morro que terminava em dois cumes. N'um erguia-se a cidadella, *arx*, no outro assentava o templo do Capitolio; o *asylo* estava collocado na pequena garganta que separava os dois cumes. E' do que nos dão noticia Tito Livio (I, 8), Strabão (V, 32) que, no reinado de Augusto, traçou a topographia de Roma, Dionysio de Halicarnasso, que morou em Roma, e finalmente Tacito (Historias, III, 71).

Entre a cidade fundada no Palatino e o asylo aberto sobre a vertente do Capitolino era impossivel qualquer confusão.

Eram completamente dissemelhantes.

A que se achava no Palatino era uma verdadeira cidade. A sua fundação, ao modo commum para taes circumstancias na antiguidade grega e italiana, fóra revestida de um ceremonial sancto e a extensão lhe era delimitada por um recinto sagrado, o *pomerium*.

O *asylo*, ao contrario, era um bosque consagrado, *lucus*, á maneira dos que por toda parte havia na Grecia e na Italia, sendo prohibido construir ou estabelecer n'elle qualquer habitação particular.

Refere Dionysio que ali existia um sanctuario. Um asylo, effectivamente, não era mais do que um pequeno terreno consagrado a uma divindade, no qual todo o homem encontrava refugio contra qualquer perseguição, como succedia na idade media nas proximidades das egrejas.

Segundo affirma Tito Livio, cujo testemunho é confirmado por Strabão, Dionysio e Plutarco e não encontra contradicta em texto algum antigo, o asylo só foi aberto depois de fundada a cidade do Palatino. Ainda melhor que este ultimo facto, sabe-se que não fóram os proprios fundadores da cidade que abriram o asylo.

A cidade encerrava os unicos templos que então existiam, os sanctuarios das curias, *Curiae Veteres*, e, fundada como foi segundo os ritos, com os auspícios e sob a invocação dos deuses nacionaes, mais que o domicilio de todas as familias que compartiam do culto d'estes ultimos e se collocavam debaixo da salvaguarda dos segundos, era o centro da religião exclusiva e hereditaria á qual os homens só podiam incorporar-se por virtude dos laços do

sangue. Pertencia, portanto, á sociedade das curias e das *gentes*; era a cidade sancta dos patricios e dos clientes.

O asylo era um lugar sagrado tambem, mas d'um outro genero de religião, diz Fustel de Coulanges. Era um d'esses sanctuarios que se abriam a todos os seres humanos sem distincção de nascimento e de classe, refugio dos que não tinham os templos muito mais venerados da cidade. Ahí ao menos encontravam aquelles que não haviam adquirido pelo facto do nascimento direito ao culto de divindades suas ou o haviam perdido pela pratica de uma acção delictuosa, alguma divindade e alguma providencia protectora.

Traduzo textualmente o final do capitulo que mais nos interessa no magistral estudo de Fustel de Coulanges:

« A população que se reuniu ao redor d'este asylo nos é nitidamente descripta pela tradição romana. «Eram, diz Tito Livio (I, 8), homens sahidos das cidades visinhas, turba confusa, onde sequer não se distinguia o homem livre do escravo.» A lenda, que de boa mente exagera a verdade, representava estes homens como ladrões e bandidos; mas o traço essencial, o facto incontestavel, e util á historia, é que era uma multidão confusa, vinda de toda a parte, onde não se distinguia nenhum dos contingentes que contribuiam tão fortemente para as sociedades antigas, da qual ninguem podia dizer qual fosse o nascimento, nem, por consequencia, quaes fossem os seus deuses, que nunca tivera ou não possuia mais religião domestica ou nacional, e que estava reduzida, para, orar a dirigir-se á divindade do asylo, divindade tão humilde que o contemporaneo de Augusto não lhe sabia mais o nome, nem mesmo se era um deus ou um simples *genius* (Dionysio, II, 15).

« Assim, no Palatino se erguia a estancia santa das *gentes*, das curias, da cidade, emfim de toda a sociedade de cultos hereditarios. Na encosta do Capitolino ficava o asylo, pobre sanctuario d'aquelles que não possuíam outro culto. O Palatino era a cidade das *gentes*, isto é, dos patricios, dos clientes; em torno do asylo viviam esparsoz os que não eram nem patricios, nem clientes dos patricios, isto é,—a plebe.

« O asylo dependia da cidade. Dionysio de Halicarnasso é muito claro a este respeito: «Aos que se refugiarão no asylo garantiu Romulo que os protegeria contra toda violencia dos inimigos externos, e fez esta promessa em nome dos deuses (II, 15).»

«Ha n'esta passagem do historiador como o resto mutiladissimo d'um velho texto, o echo d'uma lenda antiga. Romulo, fundador do sanctuario do asylo tomou por testemunha aquelle deus ao qual acabava de levantar um *naos*, e prometeu ser um protector para os refugiados. Um como tractado sagrado, uma *lex sacra*, á maneira dos muitos que encontraremos na sequencia da historia da plebe, foi concluido entre

o chefe da cidade e a população do asylo.

«Esta população, que vivia fóra da cidade, que outrosim não era computada na cidade, não tinha nem as instituições, nem as leis do Palatino. Ella obedecia ao rei; ignoramos todavia a que titulo ou em que medida. Uma cousa parece certa, é que o rei era não somente protector, como tambem senhor d'ella».

A existencia da plebe não era peculiar a Roma, mas um facto commum a todas as antigas cidades, de sorte que Romulo, com abrir um asylo, não fizera mais que imitar a mór parte dos fundadores, *vetere consilio condentium urbis*, diz Tito Livio (I, 8). Proprio de Roma foi o incremento, a importancia que a plebe ahí assumiu desde o principio, engrossando rapidamente.

Fustel de Coulanges enumera os diversos elementos que concorriam para formal-a.

« 1º Eram antes de tudo os exilados das cidades visinhas. Tinham por esse tempo existencia mui conturbada todas as cidades latinas, sabinas, etruscas; as luctas intestinas expelliam d'ellas quasi todos os annos homens que, vendo-se então sem patria, por felizes se haviam com acceitar o refugio que Roma, por sua parte, de bom grado lhes offerecia.

« 2º A situação de Roma entre tres povos, Latino, Sabinos, Etruscos, não longe do mar e á beira d'um grande rio, era favorabilissima ao commercio. Póde-se acreditar que, desde os primeiros tempos, n'uma epocha em que a Italia não carecia de riqueza e as cidades etruscas e gregas já faziam avultados negocios, foi reputada a posição particular de Roma e para ella affluiram muitos mercadores estrangeiros. Ora n'essas antigas sociedades tinha-se como regra que o estrangeiro ficasse sempre fóra do corpo politico. Sabe-se o que eram os metecas em Athenas. Não eram comprehendidos na verdadeira cidade os estrangeiros que vinham estabelecer-se em Roma; verosimilmente elles se junctavam á plebe.

« 3º Os primeiros reis operaram conquistas e destruíram varias cidades visinhas.

A tradição romana memorava como um facto frequente que a mór parte dos vencidos haviam sido levados para Roma. As principaes familias foram admittidas na cidade a titulo de familias patricias; o vulgo ficou na plebe (Tito Livio, I, 29; I, 33. Dionysio, II, 35).

Continuando a plebe a crescer, a engrossar ao redor do seu sanctuario, o asylo se foi estendendo pouco a pouco a todas as collinas circumvisinhas.

Ahí fica a engenhosa e interessante theoria do insigne historiador francez sobre o importante problema da origem da *plebs*.

Satisfaz plenamente esta sua opinião aos estudiosos da historia romana? Elles que o digam.

SAMUEL MAC-DOWELL, FILHO.

Diario de uma menina

FRAGMENTOS

A' HERSILIA

A dôr é um fructo : Deus não o fez crescer na haste ainda muito debil para sustel-o.

*Victor Hugo*

Encontrei-a chorando profundamente, como se um grande desgosto a magoára.

A Rozaura, disse-me ella n'um tom queixoso e soluçante, dê que jamais me esquecerêi, a Rozaura, a nossa companheira de brinquedos, a quem eu tanto queria, e papai vendeu-a hontem!...

Olhando-a de quando em vez de soslaio, entre receiosa e desejoza de falar, eu esperava...

Não encontrei, porém, uma palavra bôa que a pudesse consolar...

Passamos o dia inteiro caladas. A' tarde o calor abrazava na sala de jantar : fomos brincar na porta da rua, sempre serias e tristonhas. Ella olhava a immensidade do horisonte n'um grande desconsolo, com os olhos cahidos e tristes, mas dessa tristeza que atráe sympathy, ao longe appareceu o vulto balofo e corcunda da velha Fabiana, a nossa fregueza de doces.

A pequena volta os olhos para mim, e com tal expressão o fez que eu não pude conter o riso que veio espontaneo e alegre.

A velha lentamente vem caminhando com pequenos passos pezados que vão deixando profundas marcas no chão.

Os doces nos mostravão agora em cheio toda a delicia de seu sabor.

Se eu pudesse, disse a minha desconsolada amiguinha suspirando, se eu pudesse comprava um doce... parecem bons!... E ficou-se de novo quieta.

Eu não possuia um real, mas disse para mim : desta vez eu a consolarei. Foi-a escolher alguns doces, e disse baixinho á doceira : va receber amanhã o dinheiro em minha casa.

Continuamos sentadas na calçada da porta.

A tarde ia se fugindo, sempre quente, asphyxiant, insupportavel. E muito distante ouvimos ainda a vóz da velha apregoando os doces.

A outra estava alegre, e eu agora olhava para o caminho n'uma ancia angustioza.

O receio da credora me adoecia. E se mamãi soubesse?... Ella que me recommendava tanto que não fizesse tolices...

Vamos agora brincar de esconder ?

Vamos? disse a minha amiga comendo o ultimo pedaço de doce. Vamos?...

Eu quasi não lhe ouvia o convite, tanto me preocupava o que tinha feito...

E como me angustiaava aquelle movimento bom de coração!...

No outro dia cedo, tão escuro que

os passarinhos ainda não esvoaçavam pelas laranjeiras, eu já estava reboliçando o caixãozinho dos brinquedos á procura de dinheiro...

Todo barulho me sobresaltava, eu enxergava em todas as pessoas a credora.

Finalmente tremula, commovida eu vi de novo o vulto da Fabiana gritando-me da porta : menina, o dinheiro dos doces!

Mamãi surprehendida perguntou-me : Santinha V. comprou fiado?!?

Gelada como uma morta, confessei o meu grande crime, debulhando-me em lagrimas ardentes.

Mamãi pagou a divida que tanto me torturava, e sem nada me dizer sentou-me ao collo cobrindo-me de beijos.

Recife, Novembro de 1897.

A. F. B.

Carta aberta

Amigo Ramos,

escruta :

Como não sou da politica dos homens de cara enxuta, nem sou barão, nem visconde, ando com a bolsa rachitica, não tenho nem mesmo um bond...

E depois, ninguem ignora, todo poeta é frechado ;

se acaso está sem dinheiro e vae pedil-o emprestado aosocio do marinheiro,

é sempre a mesma évasiva :

« que não pode ser agora, que anda muito atrapalhado, não sabe mais como viva nesse tempo, é n'a caipora ! que só em multas e imposto vae-se o apurado do dia...

que, se não, com muito gosto, de bom grado, não um só, mas dois e tres favores concederia...

que enfim não fiquei zangado com a resposta cathorica, ficará para outra vez... »

E a gente gasta a rhetorica Sem pilhar... nem cinco réis.

E eu que estou sem um calcareo no escaninho da algibeira,

nem um só dos mais pequenos ; ao cêbo alli do Regueira

vou torrar o Diccionario o Ribas, o Orlando ou o Trigo, p'ra ver se compro um bilhete,

de ida ao menos, que me leve ao teu banquete...

A volta !—arrumo-a contigo.

Vê lá tu como sou franco quando fallo a certa gente :

Eu, um poeta intelligente, quasi branco,

com seis annos de exercicio ir assim á tua festa,

ao teu festim natalicio

sem levar-te um só presente !!

Sou lá besta. .

Nunca fizacção pequena, nem ha cousa que me cause tanta pena. como serrar-te essa boita, como encher este meu bucho, e não levar-te do Krause qualquer joia de alto luxo...

Mas... agora me recordo, não servem mais os meus planos. já não estamos de accordo . o allemão já me não fia, passei-lhe um callo outro dia, por causa de uns outros annos.

E o que hei de fazer agora, eu que sou filho da plebe, e a sorte escura e traidora contra mim se arma e conspira ?

Meu amigo, achei ; recebe nas azas frescas da Aurora os threnas de minha lyra...

As mil perolas da Escocia e os diamantes de Decão. Lá de Scítia as esmeraldas e as saphyras de Ceylão, não valem mais que os fulgores das joias do coração.

AUGUSTO ARISTHEU.

---

A prova dos methodos

(Continuação)

Procurámos demonstrar no artigo antecedente que a prova deductiva é sem valor em methodologia por serem nella as primeiras necessariamente hypotheticas. Mas não é só pelo vicio da sua base, mas tambem em virtude dos seus defeitos intrinsecos que a deducção é invalida. Com toda razão, as longas series de deducções são perante as consciencias, destituídas de poder conveniente. E' que a deducção é fonte copiosa do mais perigoso dos sophismas—o sophisma de confusão. Ao passo que no raciocinio experimental e na generalisação a materia elaborada pela intelligencia, consistindo em factos, em sensações, tem, por sua natureza, força sufficiente para prevaleger sobre quaesquer preconcepções,—nas deducções da methodologia a materia do raciocinio, constituída exclusivamente por juizos geraes, é immensamente plastica, não tem igual força ; os termos de que esses juizos constam, mudam, facilmente de significação.

E' verdade que em mathemática não é sinão por deducções que a prova se faz e deve fazer-se ; mas nesta sciencia as noções são extremamente simples, symbolos facilitam o jogo do raciocinio e na algebra transformam-no até em um trabalho quasi material. Ao contrario, em methodologia, as

noções, além de complexas, só difficilmente poderão ter representação nítida no espirito; o raciocínio, insusceptível aqui de representação symbolica não será nas regras, impraticadas e impraticáveis, do syllogismo que encontrará nucleo de resistencia contra os erros.

Demais, fosse a deducção dotada da maior força probante, apenas provaria as consequencias beneficidas da applicação, das regras de methodo. Ora, isso não basta; é necessario ainda que essas regras sejam susceptiveis de applicação, que não impunham operações intellectuaes tão numerosas e complexas que venham retirar á sciencia toda liberdade de movimentos. Esta insufficiencia da prova deductiva tem penetrado até nas consciencias dos logicos mais abstractos; é assim que elles distinguem a logica theorica da logica pratica, consistindo esta em uma modificação dos preceitos daquelle. Mas, si na construcção da logica theorica são elles de um racionalismo excessivo, na sua transformação em logica pratica cahem no grosseiro empirismo: não realisam comparações das sciencias, como actualmte existem e como existiam no passado, consideradas em globo, porém observações destacadas.

Deduzida de principios generalissimos, a logica, tal como existe, é, e não podia deixar de ser, um systema pouco abundante de regras muito geraes. Como, porém, os processos particulares do raciocínio são solidarios dos geraes na actuação, ella se torna de pequeno valor pratico. Dir-se-ia concebida antes para a satisfação de preocupações philosophicas do que para a direcção da vida scientifica.

(Continúa)

BENTO BANDEIRA.

## Festa Academica

Com a singeleza costumeira realisou-se a 7 de Dezembro a collação de grau aos bacharelados de 1897.

A gravidade do Director da Faculdade, ladeado dos Mestres, mettidos em suas negras becas, pronunciando o nome de cada um dos doutorandos, em meio de profundo silencio, dá a esse acto annuo da vida academica um aspecto solemne, festivo, preenche de indiveis consolações; pois que com a imposição do rubicundo capello dá-se a passagem do estado de estudante ao de bacharel em direito.

É um dos dias alegres da vida esse em que se vê coroados os esforços de exito feliz: o improbo trabalho de cada dia, o esforço intellectual gasto á luz mortiza da vela, o suor do rosto pingando as paginas dos livros para poder assimilar conhecimentos novos, acham a clareira de intimas consolações, a Chanaan desejada no ultimo dia em que se dá o adeus á velha Academia, aos seus empoeirados bancos de

tosca madeira rija; aos seus escuros corredores, por onde toda uma geração de talentos privilegiados deixou deslizar o succo de prosa intelligente, o sal de pilheria espirituosa e a inesgotavel verve de uma *causerie* bocageana.

Em cada um dos novos bachareis a Patria encherga um sustentaculo dos seus direitos, um trabalhador desinteressado da causa da justiça, lutando pelo estabelecimento dos direitos individuaes conculcados, esmagando a cerviz do crime onde quer que se acoite; pois que o bacharel deve ser o homem do direito, o sacerdote da bella sciencia que os romanos definiam:— *jurisprudencia est divinarum atque humanarum rerum notitia, justitiae atque in-justitiae scientia.*

O orador dos bacharelados pronunciou um bello discurso revelador de talento e estudo.

Riqueza de imaginação, colorido de phrase, terso estylo facetado ornavam a oração do meu distincto collega. Com religiosa attenção ouvi a leitura de todo o seu discurso e, pela consideração em que tenho os seus dotes intellectuaes, me atrevo fazer duas ponderações a cerca de proposições por si emittidas.

Com quanto communguemos idéas differentes sob o ponto de vista philosophico, não será contudo este o motivo por que apresso-me em contestar os equívocos contidos no discurso, mas tão somente o culto da justiça historica que assim o exige.

Disse S. S. que Luthero viéra com seu espirito de liberdade e grande energia masculina derrocar a obra de Ignacio de Loyolla. Não faço a injustiça ao meu collega de desconhecer a historia do movimento lutherano e a de Ignacio de Loyolla e sim, pelo atropello talvez em que confeccionou os dados historicos, equivocou-se emprestando a um facto o que pertence a outro.

Quem é que ignora que Luthero lançou o grito de revolta contra a auctoridade pontificia em 1517 e que Loyolla fundou sua celebre Companhia em 1536, vindo a ter existencia legal somente depois de approvados os seus estatutos em 1540 por Paulo 3.º?

Ora, pelo confronto chronologico vê-se que Luthero não tinha por alvo destruir a obra de Ignacio de Loyolla si bem que em seu odio fanatico não poupasse tudo o que tinha ligação com a Igreja; mas o contrario deu-se. A Companhia foi como que o antemural granítico em que as encapelladas ondas da nascente seita quebravam sua furia luciferina, foi a guarda avançada a desbaratar o inimigo com as armas da sciencia, da prudencia, da moderação, do soffrimento, do amor, da caridade, com as armas invenciveis que o Evangelho suggere aos que offerecem o peito á hervada setta da impiedade.

Os Jesuitas se caracterizam principalmente pela tenacidade, pela vontade inquebrantavel nos combates in-cruentes da fé.

Com essas disposições de espirito, fortificado na incandescente pyra de juvenil enthusiasmo pelas elevadas causas da humanidade, eram homens de envergadura excepcional, capazes de arrostar as mais cruéis adversidades sem fraquejarem um só instante na inilludivel consciencia do dever a cumprir.

O outro equívoco que injustamente corre mundo devido á avidez e soffreguidão em se propagarem erroneas lendas compromettedoras da honorabilidade do Instituto dos Jesuitas, foi o do orador dizendo que a acção inicial do Jesuita sobre o character brasileiro contribuiu para o atrophiamente de sua consciencia e consequente mente para a falta de iniciativa nos importantes factos da vida nacional.

Este erro historico, tantas vezes esmagado quantas edictado pela paixão reiterada de sectarismo acanhado, se esvae como essas bolhas de sabão que as crianças, nas alegres expansões de sua idade, se comprazem em fazer subir aos ares.

Não é preciso lêr os grandes mestres da Sciencia que hão dedicado sua vida inteira ás investigações da Historia para dizer á cega injustiça dos homens: Mentis quando apregoaes em vossos pamphletos as falsas idéas relativamente á Companhia de Jesus.

A reputação de uma associação religiosa, lialgures, é patrimonio sagrado e attentado de ordem moral é buscar deshonra sem argumentos decisivos, sem factos incontestados.

O senso moral medio de uma sociedade, isenta de odios sectarios, não pode deixar de fazer justiça, justiça necessaria e inilludivel aos irresgataveis beneficidos, á somma enorme de subsidios para a Sciencia, ao exemplo abnegado do desinteressado em sua manifestação mais sublime que legou á humanidade o Jesuita.

Supponho que o Dr. Juvenal Lamar-tine não ignora a apotheose sobremodo honrosa feita pela flôr da intellectualidade brasileira á celebre Companhia na pessoa de dons de seus estupendos filhos: José de Auchieta e Antonio Vieira.

Talvez que não lesse as notaveis conferencias realisadas no salão da bibliotheca da Faculdade de Direito de S. Paulo, porque si o fizesse não repetiria em seu discurso as inverdades historicas assoalhadas por escriptores pouco escrupulosos em phantasiarem lendas acerca de um assumpto tão grave.

Si o meu distincto collega se desse ao trabalho de ler a conferencia do illustre lente de theorica do processo da Faculdade de S. Paulo o Dr. João Monteiro ou mesmo a de Eduardo Prado, Brazilio Machado ou Joaquim Nabuco, eu estou convicto que sua opinião sobre os Jesuitas seria diversa da que emittiu.

Mas infelizmente assumptos desta ordem merecem por parte dos collegas de Academia ou a indifferença incompativel com o espirito ardente

da mocidade ou artiguetes anonymos, reproduzindo imbecilidades que em pleno Congresso Nacional se diz com desprezo de nossa cultura litteraria, ridicularisando o que talentos superiores, como os que promoveram as brilhantes conferencias anchietanas, acatam e glorificam.

Não pretendo fazer a defeza dos Jesuitas porque fraca e incompetente é esta penna, que só quer viver em perfeita harmonia com sua consciencia, dizendo o que sente franca e livremente sem arreçar-se da risota galhofeira com que os apaixonados leiam o que escreve.

The Old World was not wide enough, escreveo um illustre protestante, (1) for this strange activity. The Jesuits invaded all the countries which the great maritime discoveries of the preceding age had laid open to European enterprise. In the depths of the Peruvian mines, at the marts of the African slave-caravans, on the shores of the Spice Islands, in the observatories of China, they were to be found. They made converts in regions which neither avarice nor curiosity had tempted any of their countrymen to enter; and preached and disputed in tongues of which no other native of the West understood a word.

A' acção benéfica do Jesuita, disse eu em artigo publicado no *Congresso Academico*, muito deve a nossa civilização, os escriptos desses obscuros apóstolos de bem são o primeiro passo para o estudo serio e consciencioso do nosso caracter, a ethnographia e linguistica acham sua base solida nas paginas dos seus livros, onde todo investigador sensato precisa abeberar-se de subsidios para qualquer estudo sobre as nossos origens.

Os Jesuitas não precisam para sua exaltação e glorificação historicas do elogio banal dos escriptores de seita, pois que, segundo disse Eduardo Prado, desde Montesquieu até Augusto Comte elles têm recebido a admiração de todos os genios. (2)

RODRIGO COSTA.

### Marmores antigos

... ces beaux marbres antiques qui restent á nos yeux tout penetrés de lumière ..

Eugène Guillaume.

Marmores antigos, plinthos derruidos como ossadas branquejando ao luar, dolentamente !

(1) Lord Macaulay *Essays and Lays of ancient Rome*. pag. 581.

(2) *Commercio de S. Paul*, de 21 de Agosto de 1896.

Penetram nos como uma evocação triste, sentando-se em cada fuste partido como uma alma petrificada...

Uma luz de sonho resplandece-os, por onde circulou a seiva suprema do espirito hellenico...

Essa florescencia do idéal, a Arte, eternisou-os, como grandiosa dealbação da alma humana, na Renascença em que irromperam alvoradas do cerebro e do coração.

Como invade-nos amavelmente cantando essa hyperdulica suavidade concebida na téla e que impressiona, ou com ineffabilidade descida do céu ou sonho que fluctua...

A alma perfuma a Arte.

As creações sublimes infiltram-nos algo da idiosyncrasia emocional que guiou o pincél ou dirigio o escopro.

O marmore de Moysés tremeu, talvez, á voz de Buonaroti ? !

A Arte porém, parece affastar de si, actualmente, esse cunho de feição ; não ser mais a expressão empregnada de verdade, das nossas mais profundas energias moraes.

O sentir de que é objectivação envolve-a das sombras d'esse scepticismo que tudo tem invadido.

Já não respira a athmosphera do coração.

Falta-lhe a pureza e a inspiração.

Por isso infinitamente consolativa é a doce impressão que suggerem-nos esses brancos marmores esboroados como eternas espumas de vagas sociaes...

Marmores antigos, vibraes á luz dos ideas hodiernos !...

SORIANO DE ALBUQUERQUE.

### Anceio

Aonde o teu scismar vagueia, anjo celeste ? !  
Immaculo do céu no azul onde escondeste,  
Estrellla, o teu clarão ?  
Tudo é ermo e sombrio e triste e no sudario  
De noite perennal, envolto, eu solitario  
Só vejo escuridão !

O céu livido e torvo é mudo e pensativo !  
Na agrura de um deserto lobrego, affictivo,  
Estremeço de dor...  
Um astro nem sequer incende-me entre as plumas  
Dos cirros, nem o mar iria-se de espumas  
Na terra não ha flor !...

Não ha luz... não ha luz?... tudo é ermo, inviavel !...  
Em vão busco entrever, procuro insaciavel  
Teu olhar..., teu olhar !..  
Teu riso aberto em flor, emmanação divina  
De teu celeste amor, creança peregrina,  
Mas não posso encontrar...

Aonde estás febril estrella ? D'entre abrolhos  
Erguida em luz fagueira, espanca-me dos olhos  
A noite, a escuridade ;  
Errante ao viajor as selvas não tem sombra,  
A limpha é sem frescor, os valles sem alfombra,  
E tudo anciedade.

Oh ! vem dourar de beijos minha fronte pallida,  
Exanime, abatida, convulsiva, esqualida,  
De anceios no estertor:

As petalas de minh'alma, em amphoras de olencia .  
 Guardar do seio teu dulcefluo, de innocencia,  
 Rorejante de amor !

Incerto aonde paira insoffrido, errradio,  
 Meu anjo, o teu scismar ? ! plangente, em desvario,  
 Aos céos fallas em mim ?  
 E julgas-me onde ver ? não sabes ? longe ? perto ?  
 E gemes solitaria, errante num deserto  
 Intermino, sem fim ?

Deliras ? vem o pranto humedecer-te as meigas  
 Faces, como o orvalho recamando as veigas  
 Cambiantes de perolas ?  
 Suspiras ? foge a dor ? teu ser dormita em calma,  
 E pode se evolar de encantos a tu'alma  
 Nas lucidas aureolas ?

E julgas festival de enlevos em meu seio  
 Pender languida a fronte em amoroso enleio  
 Qual rorida cecem ?  
 E finges incitar-me um turbilhão de beijos,  
 E vivida a caudal dos tremulos desejos  
 Evocar-me tambem ?

E buscas, lyrial de teu cabello insonte  
 Venusto no frouxel engrinaldar a fronte  
 De teu doce cañtor ?  
 E beijas-me, e sorris e meiga, e carinhosa,  
 Estreita aos braços meus, dormitas descuidosa  
 Em extases de amor ?

Talvez !... Si em effusões de calidos anceios,  
 Estrella, ouves meu canto, incenda-me de enleios  
 Teu dulcido clarão !  
 Bem vês., me alastra o ser a mesma anciedade,  
 De eterno delirar minh'alma é escuridade,  
 E cahos do coração !

Derrama sobre mim teu brilho immaculado,  
 Eleva-me dos céos, do ether constellado  
 Aos páramos azues,  
 Enflora-me feliz, creança predilecta,  
 A fronte sonhadora, a fronte de poeta  
 De aureolas e de luz.

Oh ! vem sonhar commigo um sonho de harmonias,  
 De encantos n'um frouxel, de candidas magias  
 N'um leito virginal,  
 Ao doce farfalhar de tremulos enleios  
 Sentir dos beijos meus a ardencia, de teus seios  
 Na alvura ethereal !

Meu amor, meu amor ! minh'alma é um casto ninho  
 De sonhos, de scismar, de olencias e de arminho  
 De luz, de aspirações,  
 Unir-te vem a mim... felizes revoemos  
 No azul, no brando azul dos ethers serenos  
 De nossas illusões !...

AUGUSTO MEIRA.

## A capacidade intellectual da mulher

No primeiro numero do «Congresso Academico» do corrente anno escrevi algumas linhas sobre esta importante questão feminista, mas o fiz sob ponto de vista differente do que ora me occupa e só incidentalmente tratei do assumpto que encima este escripto. Agora volto novamente á celebre questão da capacidade intellectual da mulher que tanto tem preocupado os escriptores deste ultimo quartel de seculo e que parece-me liquidada em vista dos trabalhos de Darkchevitch, um sabio da grande nação slava, que scientificamente demonstrou sem deixar a menor sombra de duvida a egualdade da capacidade intellectual dos dous sexos.

Em uma conferencia realisada em Moscou na *Sociedade dos Psychiatras*, aquelle sabio estabelece a questão seguinte : a *organisação da mulher apresenta condições que a tornam menos capaz de desenvolvimento intellectual que o homem ?*

Todos os argumentos dos mysogenistas baseam-se, quanto a inferioridade da mulher, no seguinte facto : o cerebro do homem pesa na media 130 a 135 grammas mais que o cerebro da mulher e Bischff diz textualmente que é innegavel que o homem tem sempre e por toda parte se distinguido por uma maior intelligencia e uma maior capacidade intellectual que a mulher, assim como o cerebro do homem teve sempre um peso mais elevado 1/9 1/12 do que o cerebro feminino.

Um outro anatomista, segundo me informa Michel Delines a quem vou tomando por guia na presente explanação, constata uma grande differença entre o cerebro do homem e o da mulher, observando porem, a accentuação desta differença na razão directa da civilisação das raças ; assim para este anatomista entre os Australianos a capacidade craneana do homem excede 107 centimetros cubicos a da mulher ; entre os antigos Egypcios muito mais civilisados que os selvagens australianos esta differença é de 137 centimetros, attingindo 222 entre os Parisienses.

Darkchevitch nega a significação que a estes factos attribuem os mysogenistas e a sua argumentação, cerra da como uma descarga de artilheria é extraordinariamente admirevel.

« O homem diz elle, é innegavelmente o mais intelligente dos seres animados ; logo se o peso do cerebro desse a medida do desenvolvimento intellectual do individuo, o peso do cerebro humano seria superior ao peso do cerebro de todos os animaes, sem excepção. (1)

Mas isto não é exacto. Darkchevitch examinando o peso absoluto do cerebro de differentes animaes e do

1 M. De ines Revue encyclopedique 1897.

homem, vio que, si por um lado o cerebro do homem pesa mais que o de outros animaes de corpo mais volumoso como o boi e o cavallo, de outro lado pesa menos que o da baleia e do elephante. Devemos por isto concluir, pergunta elle, que a baleia e o elephante têm um desenvolvimento intellectual superior ao do homem? Não certamente. Logo a differença cerebral nada prova em contra a mulher e a distincção anatomica não implica a superioridade do intellecto da mulher.

Um outro facto vem annullar a significação que os mysogenistas dão á differença de peso do cerebro do homem e da mulher: a inferioridade do peso do cerebro de pessoas que manifestaram grande capacidade intellectual comparado ao do cerebro de pessoas cujo desenvolvimento intellectual era muito menos consideravel.

Assim, o Dr. Zernoff pesando o cerebro do general Skobelev «cujos talentos militares, a alta cultura e admiravel energia não são contestados, achou que o cerebro deste celebre general é inferior ao de «quarenta simples soldados».

Mas, continua o sabio russo citado por Delines, pode-se ainda nos objectar: «o peso absoluto do cerebro não pode sem duvida dar-nos a medida da actividade psychica do individuo, isto é, de sua actividade intellectual e moral; o cerebro humano não é unicamente o organo da actividade psychica, a actividade somatica delle depende tambem e quanto mais desenvolvidos são os orgãos desta actividade, tanto maior deve ser o cerebro. Logo é evidente que o cerebro de animaes como a baleia e o elephante deve pesar mais que o cerebro do homem, não por causa de maior intellectualidade, mas em virtude de mais vasta superficie que apresenta o corpo destes animaes.

Eis porque os anatomistas chegam a provar que o cerebro do homem é relativamente mais pesado que o dos animaes, sendo esta superioridade relativa o indicio de sua superioridade intellectual.» Mas esta argumentação é por demais fragil e absolutamente insustentavel, porquanto se o peso do cerebro humano é relativamente mais consideravel que o do boi e do elephante, é inferior em relação a outros animaes, como chimpanzé e ainda mais se esta prova valor tivesse, este seria contra os mysogenistas, porque está hoje provado que o peso relativo do cerebro é maior na mulher que no homem. Deixando de parte a questão do peso cerebral que nada prova contra a mulher, a eterna victima, na phrase de alguém, Darkehevitch passa a tratar de outra questão talvez não menos importante e intimamente relacionada com a do peso do cerebro: a das circumvoluções cerebraes. Os mysogenistas batidos implacavelmente por este lado, sem o menor ponto de apoio em um argumento solido replicam que

são as circumvoluções cerebraes que dão a medida de superioridade intellectual e o cerebro da mulher apresenta menos que o do homem. Ainda neste ponto, como em todos os outros, foram pulverizados os argumentos dos adversarios da mulher. O sabio professor russo nega a relação que parece existir entre a intelligencia do individuo e as circumvoluções cerebraes. Estudando a forma do cerebro de certos animaes, descobrio-se que o cerebro de muitos delles como o castor por exemplo, é inteiramente liso, emquanto o dos carneiros é de grande fertilidade em circumvoluções. No entanto ninguém sustentará que o segundo seja mais habil que o primeiro. Demais, o cerebro do elephante é «infinitamente mais rico em circumvoluções que o do homem, sendo não obstante menos intelligente. Darkehevitch occupou-se tambem da relação que existe entre o desenvolvimento dos lobulos frontaes e o gráo de intellectualidade. Apesar de não ser ponto liquido na sciencia, deste lado a mulher seria igual intellectualmente ao homem, porque pelas verificações de Bischoff, o peso dos lobulos frontaes na mulher longe de ser inferior ao peso dos lobulos frontaes do homem, lhe é superior. Darkehevitch apresenta uma medida do desenvolvimento intellectual do individuo: esta medida está na relação entre o peso do cerebro e o peso da medulla espinhal.

Neste ponto acho preferivel traduzir as palavras de Delines, expondo a descoberta do sabio professor. A medulla espinhal, diz Delines, é esta parte do systema nervoso central que governa exclusivamente a esphera somatica e fica extranha á esphera psychica. E' por sua structura um reflexo directo da structura do corpo, mas ao mesmo tempo, ella relaciona-se com o cerebro, onde ella projecta, por assim dizer, as partes do corpo com as quaes ella está em contacto. Assim o cerebro contem a lado de elementos cuja função é psychica, elementos que têm apenas uma função somatica. O numero destes ultimos elementos deve estar sem duvida em relação directa com o gráo de desenvolvimento da medulla espinhal.

E' evidente que a relação entre o peso do cerebro e o da medulla espinhal seria o mesmo entre todos os animaes si o cerebro não contivesse elementos que não pertencem á vida somatica e estão em relação directa com as funções psychicas.

E' á presença destes elementos que deve-se sem duvida a differença na relação do peso do cerebro e da medulla espinhal. E, cousa curiosa, que parece em favor da theoria do professor russo, os resultados obtidos procurando a relação entre o peso do cerebro e o da medulla espinhal correspondem perfeitamente com a idéa que fazemos correntemente da intelligencia dos animaes.

Darkehevitch apresenta um quadro

da relação do peso do cerebro com o peso da medulla espinhal, que não transplanto para aqui para não dar maior extensão a este escripto. Segundo Rischoff o peso do cerebro do homem é de 1398,25, o da medulla espinhal é de 28,25, a relação entre o peso do cerebro e o da medulla espinhal será de 49,4.

O peso do cerebro da mulher é de 1300, 25 e o peso da medulla espinhal da mulher é de 26,37, a relação entre os dous será de 49,3.

Como vê-se é identica a relação entre o peso do cerebro e da medulla espinhal entre os dous sexos. Por consequencia conclue Deline não ha scientificamente nenhuma razão para sustentar que a mulher é por sua organização de uma capacidade inferior a do homem.

L. BAPTISTA.

## A Amazona

Passa adiante, leitor.

E' uma tela perdida esta em que o meu rude pincel forma arabesco sem arte.

A litteratura ou serve para deleitar o espirito ou para instruir o cerebro.

Quando não serve nem para uma cousa nem outra...

Passa adiante, leitor.

Que te importa que o auctor destas linhas extravase de magoas quando, talvez, te afogas nos prazeres da materia, tu que, tres vezes venturoso, nunca sonhaste o ideal?!

\* \* \*

Tarde limpida e serena.

O sol mergulhava na purpura do Occidente, e as aves, em bandos multicóres, saudavam os ultimos lampejos do dia.

Pensativo, sob a folhagem verde negra do bosque, eu contempylava essa opulencia da natureza em horas de descanso quando, inesperadamente, um tropel desusado veio interromper as minhas meditações.

Ergui-me de subito, já impellido pelo susto que instinctivamente experimentei, já pela curiosidade muito natural ao homem, quando percebi uma formosa amazona montada em fogoso corsel que, desenfreado, ia sem

duvida precipitar-se em abysmo insondavel, se eu, com risco de minha propria vida, lhe não tivesse introduzido nos peitos a lamina penetrante de meu rijo punhal.

O infeliz animal, ferido de morte, moderou o seu impeto, e, enquanto a pobre senhora tambem exanime sobre o tapete de relva, elle, despejando um ultimo jorro de sangue, cahia morto á beira do tumulo...

O meu primeiro cuidado foi correr em auxilio da pallida amazona, que, poucos momentos depois, entreabrindo as palpebras, como um lindo botão de rosa ás primeiras caricias da manhã, n'um sorriso mais de amor, do que de agradecimento, estendeu-me a dextra delicada e fina, aonde, entre respeitoso e apaixonado, imprimi o mais suave dos osculos: o sello indelevel de nosso amôr nascente.

Noites felizes essas em que nós dois, eu e Laura, á sombra do mesmo bosque, passavamos horas inteiras, contemplando a queda argentea da cascata, que, como uma queixa de anhelos, vinha penetrar em nossas almas sonhadoras!

Ainda hoje sinto nas faces pallidas a irritação nervosa de seus beijos de fôgo...

Ainda hoje sinto em meu labio o nectar delicioso de seu labio de amaranto...

*Tudo passa sobre a terra.*

Uma noite a lua ia alta e bella. Os pyrillampos zigzagueando sobre a immensa planicie, tinham a mesma magnificencia dos astros chuviscando arestas por sobre a cupula verdoenga do arvoredado.

Approximei-me do sitio querido onde já devia aguardar-me o meu anjo de vestes brancas, como eu a chamava e... ninguem.

Silencio profundo apenas interrompido pelos meus suspiros de moço e pelos queixumes das aguas resvelando na superficie liquida.

— Estará doente?

— Deixaria estas paragens?

— Esqueceria-me o amor eterno que jurou-me?

Nisto um leve rumôr de folhas seccas despertou-me sobre modo e pude distinguir um pou-

co distante, entre moitas de murtas, dois vultos brancos, que as vezes se confundiam, se unificavam, attento o contacto que os relacionava.

— Laura!

— Mauricio...

— Queres?

— Como te amo!

— Elle?...

— Elle? O louco que matou meu lindo corcel? Pobre idiota!

E uma gargalhada satanica e nervosa acordava os echos da solidão como uma blasphemia em lugar sagrado...

.....  
Adivinho que tambem ris, leitor: mas... tens razão. Afundas-te no materialismo e nunca sonhaste o idéal.

Eu bem te disse no começo desta pagina que passasses adiante.

A litteratura ou serva para deleitar o espirito, ou para instruir o cerebro.

AUGUSTO ARISTHEU.

## ARCHIVO

— Depois de um tirocinio brilhante receberam o grau de bacharel em sciencias juridicas e sociaes os nossos talentosos collegas Fausto Botelho e Newton Burlamaqui. Energicos luctadores da boa causa que em hora feliz perfilhou o *Congresso Academico*, os noveis bachareis deixam em cada um dos seus collegas um amigo e uma lacuna difficil de ser preenchida no nucleo director de nossa folha.

Exemplo do moço estudioso e applicado, Fausto Botelho sahe da Academia com uma fé de offleio immaculada como immaculado é o seu caracter adamantino. Perseverante, dotado de grande energia moral, Newton Burlamaqui realisou a sua nobre aspiração conseguindo um titulo scientifico que o habilita para as multiplas funcções da vida social.

De ambos os distinctos collegas o *Congresso Academico* guarda gratas recordações e faz sinceros votos para que o futuro os bafege auspiciosa e ridentemente.

— A commissão academica encarregada de fazer convites para a festa da collação de grau teve a gentileza de nos enviar um para assistirmos a esse acto. A nossa revista se fez representar por seus redactores.

— O *Instituto Litterario Olindense*, no seu nobilissimo intuito de despertar o

estimulo pelo desenvolvimento da instrucção popular, o amor pelo estudo de nossa historia de modo a fazer de cada habitante de Olinda um cidadão conhecedor das origens de sua Patria, de seus heroes na guerra e nas lettras, realisou no dia 11 a 3ª conferencia da serie que emprehendeu.

Nada mais efficaz, para soerguer o espirito publico de sua habitual indifferença e fazel-o subir aos cimos em que se vive alguma cousa da intelligencia, do que conferencias populares ao par de uma bibliotheca accessivel a todos os que quizerem abeberar-se de conhecimentos uteis.

Temos manifestado o nosso apoio e sinceros applausos á proficua iniciativa do *Instituto* em diffundir luz e luz de que tanto precisa este seculo, sem embargo de ser chamado *das luzes*.

Foi encarregado de fazer a conferencia o intelligente moço Sr. Olympio Galvão que dissertou sobre o thema: *A educação Litteraria em Pernambuco*. Com quanto fallasse depois dos notaveis oradores, Conego João Machado e Dr. Albino Meira cujos nomes já obtiveram a sagração publica, o novel conferencionista sahiu-se galhardamente sem desmerecer o justo conceito que merecidamente gosa em o nosso meio litterario.

Passou em revista os poetas e prosadores de Pernambuco na actualidade, fazendo a critica *per accidens* dos grupos em que se dividir possa a litteratura, dando um tom caustico ás suas palavras quando se referiu á deficiencia do preparo da mulher brasileira no attinente aos rudimentos da instrucção litteraria.

A conferencia do Sr. Olympio Galvão satisfiz plenamente a nossa expectativa por isso ainda uma vez lhe apresentamos as nossas felicitações.

— Continuamos a receber a visita amavel e animadora dos illustrados collegas de imprensa: — *Provincia; Jornal do Recife; A União* de 30 de Novembro com bem lançados artigos firmados por intelligentes typographos do Recife, esses dedicados operarios do progresso humano, que objectivam em caracteres legiveis a idéa do escriptor, fazendo-a circular em um vasto campo onde facilmente é apprehendida.

O fasciculo 6.º d' *A Crença* com bem lançados artigos de actualidade. *A Palavra* e o *Trabalho* de Penedo; o *Orbe*, *Quinze de Novembro*, *Maceió* e *A Penna*, de Maceió; o *Commercial*, o *Nacional* e o *Quinze de Novembro*, do Pará; *A Patria* de Pouso Alegre em Minas; o *Labor* de Bananeiras na Parahyba do Norte; *A Gazetinha* bem escripto jornal de *Porto Alegre*; o fasciculo 34.º da excellente *Revista Catholica*, do Rio de Janeiro; o numero unico do jornal *Oliveira Sobrinho*, dedicado á memoria desse illustre cearense, da Fortaleza; *O Rio Negro*, folha diaria e *O Taruman* semanario, de Mauós; *Oasis*, de Natal.